



Na companhia de Hilda Hilst, Mira Schendel e Amélia Toledo

Maria Lúcia Cacciolla

USP

Apresentação

O *II Encontro do Grupo de Trabalho de Filosofia e Gênero da ANPOF* foi realizado na FFLCH-USP, entre os dias 4 e 6 de setembro de 2019, sob minha coordenação. A mesa de encerramento do evento contou com a presença de nove das treze professoras que fizeram parte, até então, do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, desde sua fundação em 1934: eu mesma, Andréa Loparic, Maria das Graças de Souza, Scarlett Marton, Olgária Matos, Maria Lúcia Cacciolla, Tessa Moura Lacerda, Otília Arantes e Marilena Chaui. A íntegra da transmissão on-line dessa mesa, com todos os depoimentos das referidas professoras, encontra-se disponível no YouTube: <https://youtu.be/l5ZG7FXlkWY>. O texto a seguir foi apresentado no evento: trata-se do depoimento de Maria Lúcia Cacciolla, a quem agradeço profundamente pela sua disponibilidade para colaborar com essa edição da *Revista Discurso*, e pela amizade que nos enlaça desde os tempos de minha graduação em Filosofia.

•

Fui convidada a esta mesa para falar algo sobre meu trajeto de professora no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Como acho que muitos já conhecem algo do que faço, e algo das minhas relações com colegas e alunos, sempre muito gratificantes, e, mais ainda, como não sou uma especialista no tema do Encontro, embora minhas simpatias e preocupações voltem-se para isso, tal como não poderia deixar de ser, resolvi remontar ao que penso estar também presente nas origens da minha formação como professora desse Departamento.

Além da minha possível inclinação para a filosofia, além da formação familiar e escolar, e da incontestável influência exercida pelos meus professores e pelo meu orientador, Rubens [Rodrigues Torres Filho], pelas colegas aqui presentes, destacando minha mestra Marilena Chaui, minha boa colega Maria das Graças Souza e a caçula, Silvana de Souza Ramos, organizadora deste Encontro, falarei da influência de três mulheres artistas [Hilda Hilst, Mira Schendel e Amélia Toledo], minhas amigas, que

apesar de não serem estudiosas ou especialistas do assunto [filosofia e gênero], mas certamente leitoras, se dedicaram à causa [feminista] de modo prático, pelo seu comportamento de mulheres livres, criadoras e audaciosas para seu tempo. Delas posso dizer que enfrentaram o novo, produzindo uma reviravolta, não só no modo de comportar-se das mulheres suas contemporâneas, mas no modo de se expressar artisticamente. Essas mulheres me deram a permissão para adentrar o universo feminino reinventado, no qual, não fosse isso, eu não passaria talvez de uma intrusa.

Tive a sorte de ser amiga de ambas [Hilda Hilst e Mira Schendel] quando jovem, de receber a sua atenção e participar quotidianamente de seu processo criativo, de seu grupo de amigos, de suas longas conversas sobre filosofia e arte, de conhecer seu modo de pensar sobre variados temas. Na casa de Hilda Hilst, participei de leituras de seus poemas, teatro e prosa, que ela sempre dizia, quer para que se desse uma opinião, quer para nosso prazer sempre renovado. Sua vida doméstica era atípica, pois em meio às refeições, trabalhos de casa, como cozinha e limpeza e divertimento, no final do expediente da escrita, estavam presentes os textos, inúmeras folhas, livros em quantidade, perto de obras de arte, amigos, ex-maridos, dos cachorros e dela própria.

Se falava de muitos autores, Kafka, Nikos Kazantzakis, Lorca, Drummond, Vinícius, Lígia, Mario Schönberg, César Lattes, que ainda não tinha *curriculum* – e, eu no meio de tudo isso, um pouco perdida, procurando um fio condutor para esses passeios; férias, dos quais voltava cheia de ideias e questões. Paralela a minha vida de casa e escola, essa convivência me transportava para outro espaço desconhecido, cheio de interrogações e lacunas. Desde os passeios na noite paulistana, dos tempos do João Sebastião Bar, até o bucolismo da casa do Sol, com muitos cachorros afetivos e briguentos, andando livres por tudo, e até, e porque não citar, desde as estranhezas místicas de Hilda, que via bolas de fogo e ouvia vozes... (mesmo guardando distância, com respeito), convivia de perto com ela, que me ajudava a desasnar.

Na casa da outra amiga, Mira Schendel, também muitos papéis; desta vez papéis de arroz japonês e uma miríade das hoje chamadas monotípias, que eram guardadas e aos poucos retiradas para nos mostrar com todo cuidado numa mapoteca, em que eu detinha o olhar, buscando decifrar as linhas retas e curvas e pontos, origem de uma escritura e de seu alfabeto em formação. Também óleos, mais raros na época de meados dos anos sessenta. Ainda os cadernos com joguinhos lógicos, e as droguinhas encantadoras, um croché de papel japonês. Uma casa enfim cheia de “brinquedos” e de vez em quando um cafezinho ou um vinho sempre até bem tarde. Uma vez, gostei muito do quadro com Ulisses como tema, onde havia duas rodas, um portal e a inscrição, “*Now that I’m back*” e a resposta imperativa ao elogio foi: – *Gostou, leva!* Protestei, mas acabei convivendo com o quadro por uns dez anos, até que ele se foi para uma exposição. Imensa generosidade de Mira, de que Hilda também partilhava.

Essas experiências de casas cheias de trabalhos, invenções e objetos inusitados, eu já tinha vivenciado na residência de Amélia Toledo, onde eu levava minha filha literalmente para brincar: em meio a chapas de inox curvas e molas nelas refletidas, experiências sobre refração de luz, surgiam bolas de plástico cheias de espuma e tubinhos de plástico com líquidos de muitas cores, um poço de aço onde se lia, “lembrei que esqueci”.

Mas é impossível esquecer dessas mulheres que faziam de suas moradas um lugar de invenção, de determinação do improvável, do jogo e do fino humor.

O humor de Hilda era fino deboche, questionamento incessante e desaforado dos modos burgueses bem-pensantes, palavras impróprias ao uso social pronunciadas com graça e leveza, contrastando com o tom alto de seus poemas, mas onde o corpo ocupa, com suas dores e prazeres, vísceras, humores, um lugar de privilégio. Contraste também entre a espiritualidade, o invocar o deus, o anjo, e a baixeza corporal, os esgares, o vômito, a carne, marcando a finitude. O gozo, sublime e decaído. Pura imanência, mas que não se resolve em síntese.

O humor de Mira, fino e quase etéreo, mas às vezes ácido, combinando com o papel de arroz das “droguinhas”, apelido que ela mesmo deu a seus trançados de rolinhos de papel de arroz, que a vi fazer, num complicado crochê de vovozinha esperta. Imanência e corpo. Hoje me surpreendo com a duração de suas obras apresentadas incólumes nas exposições retrospectivas. Tudo aquilo tão frágil, parecia que ia desaparecer, virar pó bem depressa e ela insistindo que era assim mesmo, nada feito para durar... Em destaque, o caráter passageiro e finito das obras, nada monumentais, sutis, acompanhando o feitio da finitude humana. Ela mesma numa exposição se perguntava o que restaria de sua obra muito tempo depois, dizendo que talvez um certo clima, um ar que marcaria todo o seu tempo. Numa entrevista ao pintor Guinle, vinda a público no livro *Catálogo Mira*, publicado pela Tate, em 2013, ela se põe fora da classificação usual, artista abstrata ou figurativa, e afirma que em tudo e no próprio trabalho intelectual, há presença da corporeidade, traduzida bem a propósito no texto em inglês como *corporeality*. Na época, o que ela queria mesmo era falar de filosofia, que lia muito, e de fenomenologia, não a de Heidegger salienta, mas a de Schmidt, do corpo; e eu, acompanhando como dava, queria mesmo acompanhar os desvãos de sua obra. Muito tempo depois ela me perguntou, com um sorriso no canto da boca, por que Schopenhauer? Não respondi, com a fórmula corpo e imanência, como seria o caso, apenas sorri de volta. Acho que a resposta está aqui.

Essas mulheres me deram na mão, em meio à época da mais dura repressão, a possível liberdade feminina, a construção de um novo habitat para o brinquedo de casinha que eu recebera de criança e adolescente. Muito embora nesta época já visse

a casa de outra perspectiva; primeiro na prancheta de meu pai, em casa ou no escritório do IAB, como projeto, depois na maquete e a seguir no canteiro de obras, que eu visitava, se incorporando ao trabalho dos pedreiros e ajudantes, onde me fascinava a brancura das piscinas de cal, perigosíssimas, como dizia minha mãe, em meio a andaimes, tábuas e pontaletes e máquinas de concretagem. Casa como matéria a ser trabalhada e arte, não só *domus* ou habitação familiar, ou mesmo “prisão feminina”. Nas festas de cumieira, para celebrar o fim dos trabalhos da obra, havia sempre um tonel, com uma torneirinha que uma vez eu pude alcançar e de onde saiu um “guaraná amarelo ouro” cheio de espuma, que me fascinou e me fez voltar para casa dormindo no colo do meu pai. Hoje a tecnologia acabou com a alvura das piscinas de cal, também nem sei se há mais festas de cumieira, conagraçamento “ideológico” entre patrões e empregados, engenheiro e peão, as saturnais da construção civil... Mas permaneceram irresolvidas as questões de gênero, da habitação, dos sem-teto, das cidades, em suma, da cultura e outras tantas que destacam a injustiça das relações humanas.

Por que, em vez de meu trajeto como filósofa, falar sobre essas mulheres artistas, que me teriam impressionado e me ensinado, de certo modo, o caminho para meu trabalho filosófico? Claro que no meu curso na FFLCH, outras mulheres muito me impressionaram e muito me ensinaram, desde Dona Gilda, agora homenageada, ainda outras que estão aqui hoje, Marilena Chaui e Otília Arantes, da qual infelizmente não fui aluna, mas com quem convivi e cujo importante trabalho acompanhei; e Dona Gilda, de quem assisti o último curso sobre estética.

Mas resolvi remontar às origens das minhas impressões sobre o trabalho das mulheres, que junto com outras múltiplas influências e acasos me ofereceram uma imagem da mulher e da casa, diversas de meu convívio habitual. Casas-oficinas, onde mulher e filhos conviviam com as obras, que se tornavam habituais; em que trabalho e vida doméstica conviviam sem muitos atritos e que abrigavam além da família e a ela misturados, os amigos, que a ela não pertenciam, mas que se interessavam pelo trabalho dessas mulheres; que nos Natais acolhiam gente de outras religiões, ou sem nenhuma, e que simplesmente partilhavam a ceia e a conversa.

Uma das impressões que tive na faculdade de Filosofia, onde, além dos alunos regulares e matriculados, havia também os “ouvintes”, amantes da filosofia que já tinham outras profissões, médicos, engenheiros, funcionários etc., era a de abertura, de espaço institucional que por vezes diluía um pouco esse caráter, como de conversas filosóficas em botecos. Esses espaços sem muita definição: habitação com arte, universidade com “penetras” e botecos com filosofia, hoje, o popular café filosófico, inspiravam uma espécie de desconstrução e criação, contestação aos desmandos e rigidez da ditadura que abriam a respiração, alargando o espaço ora restrito. Neste

ambiente contestatário, por que não estudar um filósofo *outsider* aos estudos acadêmicos mais prestigiados, como Schopenhauer? Citado por outros muito bem aceitos, e deles talvez precursor, seja Nietzsche, Freud e Horkheimer, mas aceito por bem poucos? Subversivo e reacionário, idealista e materialista? Aí se coloca meu plano de tese que virou livro crítico do dogmatismo e que recebeu apoio de um orientador, o Rubens, igualmente aberto à contestação, poeta amigo das artes e de outros artistas também *outsiders*.

Do resto já se sabe. A longa carreira docente que ultrapassou a aposentadoria obrigatória e a missão de ensinar História da Filosofia Moderna II, dedicada a Kant, e antes, vários cursos de primeiro ano, com os sempre presentes *Discurso do Método* e *Prolegômenos*. Depois, cursos de pós e orientações, onde sempre me preocupei com a autonomia de escolha dos alunos e onde me bafejou a sorte de encontrar sempre competentes pesquisadores e pesquisadoras, hoje professores e professoras aí por este Brasil. Se fosse contar o número de mulheres, não saberia dizer quantas, porém, foram muitas: Rosa, Monique, Carol, Ivanilde, citando algumas, embora em número menor que os homens: Eduardo, Fernando, Flamarion, Vilmar, Pedro, Jarlee, nomeando outros, cuja maioria, de ambos os sexos, hoje se destacam nas cátedras e pesquisas. Convívio sempre confortador e de muito perto, apesar das diferenças etárias e da situação aluno-professor, que na afetividade eram, muitas vezes, deixadas de lado.